

SENTIDOS SOBRE INDÍGENA NA MÍDIA

Angela Derlise Stübe¹

Mariele Zanotto²

O objetivo geral do projeto de pesquisa “Ser-estar-entre-línguas: língua, identidade e formação de professores” é analisar representações de língua(s) que emergem em *corpora* vinculados (direta ou indiretamente) a diferentes níveis de ensino na região de abrangência da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), campus de Chapecó/SC para, então, discutir consequências ao ensino-aprendizagem e à formação de professores. Consiste em discutir traços de identificação que permitam compreender como os sujeitos se constituem na e pela linguagem, dado o constante ser-estar entre línguas-culturas, relação com o outro, ou seja, com os diversos grupos identitários que habitam o espaço escolar. Como delimitação da população-alvo, estabelecemos como recorte, trabalhar com grupos considerados minoritários e que, marcadamente, apresentam uma relação entre-línguas-culturas, tais como: imigrantes e seus descendentes, refugiados e indígenas.

Metodologicamente, cada uma das etapas e públicos-alvo deste projeto é desenvolvida por subprojetos integrados específicos. Na coleta dos *corpora*, trabalhamos com duas naturezas de arquivos:

- 1) discurso sobre a(s) língua(s) e sobre o sujeito, coletados por meio de levantamento documental sobre políticas linguísticas instituídas; documentos que regem a educação no país, tais como Diretrizes Curriculares Nacionais-DCN, Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN, Proposta Curricular de Santa Catarina - PCSC, BNCC, projetos pedagógicos; textos veiculados por diferentes mídias, tais como jornais (impressos e televisivos), mídias virtuais. O objetivo dessa coleta de documentos de arquivo - do discurso sobre - é compreender como produzem efeitos no imaginário sobre as línguas e sobre os sujeitos;
- 2) discurso do sujeito sobre a(s) língua(s), coletados por meio de questionário semi-estruturado; de entrevista oral, gravada em áudio; de textos diversos gêneros produzidos pelos participantes da pesquisa.

Do ponto de vista teórico, situamo-nos na interface da análise do discurso com teorias que abordem o sujeito em sua constituição linguística, histórica e social. Em decorrência disso, no entremeio dos estudos discursivos, buscamos uma concepção de sujeito que contemple a heterogeneidade e a contradição que lhe é inerente, como também as determinações histórico-sociais – permeadas pelo desejo e pelo inconsciente – que lhe são próprias.

¹ Doutora em Linguística Aplicada. PPGEL UFFS, Campus Chapecó/SC. Fronteiras: Laboratório de Estudos do Discurso.

² Mestranda em Linguística Aplicada. PPGEL UFFS, Campus Chapecó/SC.

A importância desta pesquisa consiste em compreender quem é esse sujeito inserido espaço entre línguas-culturas e como o contato entre grupos de identidades diversas, marcados por línguas e culturas diferentes, produzem marcas na constituição identitária/subjectiva deste sujeito e, por sua vez, consequências para o processo de ensino e de aprendizagem.

No discurso sobre o sujeito, uma materialidade que se mostrou importante ao estudo, foco deste ensaio, é a análise discursiva de textos produzidos por jornais online que circulam na região da UFFS – Campus Chapecó/SC, ao tratar do e sobre o sujeito indígena. O *corpus* foi constituído por recortes discursivos de textos veiculados no acervo on-line do Jornal Diário do Iguazu que mobilizam sentidos sobre o sujeito indígena, no recorte temporal de 10 de outubro de 2016 a 18 de agosto de 2019, totalizando 59 textos.

Mariani (1996) destaca que o discurso jornalístico desempenha um importante papel importante tanto na produção quanto na circulação de sentidos, criando um efeito de consenso, uma vez que apesar das diferenças em termos de posicionamento, os jornais conduzem seus discursos a uma direção na produção dos sentidos. Com isso, pleiteando objetividade, neutralidade (Indursky, 2017), que são fundamentos para a credibilidade (Miguel, 2019), o discurso jornalístico produz um efeito de distanciamento, podendo assim, formular juízos de valor, emitir opiniões, uma vez que se trata de um observador imparcial (Mariani, 1996). Nessa perspectiva é que compreendemos que o discurso da mídia, legitimado por sua pretensa imparcialidade, pode contribuir na institucionalização de sentidos.

Algumas regularidades foram interpretadas nesse material de arquivo e organizaram a constituição do corpus:

- 1) silenciamento do sujeito indígena;
- 2) tentativa, por parte dos indígenas, de desconstrução de certos imaginários criados sobre ele; e
- 3) delimitação do espaço geográfico dos indígenas às aldeias.

Dentre essas regularidades observadas, para este texto, destacamos o silenciamento do sujeito indígena. Esse silenciamento, interpretamos, ocorre de duas formas: 1) a pequena quantidade de textos que falam do/sobre o sujeito indígena, uma vez que o levantamento resultou em 59 textos dentro do recorte temporal compreendido, o que pode ser considerado um número reduzido para um jornal de tiragem diária e com circulação em uma região que contempla terras e povos indígenas; e 2) com a maioria expressiva dos discursos sobre o indígena partindo do “outro” e raramente do próprio sujeito indígena.

Para representar o silenciamento do sujeito indígena, apresentamos sequências discursivas (SD's), nas quais destaca-se esse silenciamento e a ausência da voz indígena. Essas SD's aparecem no jornal em contextos que tratam de um curso de pós-graduação em educação intercultural indígena, oferecido por uma universidade da região.

SD1 - [...] *Hoje, os índios, especialmente os professores indígenas, têm essa*

compreensão e dizem que o preconceito existe pela falta de conhecimento da cultura e dos costumes desse povo e é nessa perspectiva que o conhecimento vem. Para libertá-los.[...]

SD2 - [...] *A sociedade não tem dimensão desse processo de formação. Como a gente acompanha, percebemos muito forte as mudanças e transformações da comunidade indígena. Eles sempre se autoenxergaram como excluídos, pessoas inferiores e a nossa região tem esse peso em função dos conflitos e lutas com os agricultores. [...]*

Para compreendermos os sentidos que as SD's podem produzir, cabe destacarmos que para a AD, o silêncio, o não dito, “não é o nada, não é o vazio sem história. É silêncio significativo” (Orlandi, 1997, p. 23). O silêncio é constitutivo, fundante, assim ao não enunciar sobre os indígenas o jornal está ainda assim, produzindo sentidos sobre ele. Ao não enunciar sobre o indígena e também não possibilitar que ele o faça, impossibilita-se que ele signifique, dado que “dizer e silenciar andam juntos” (Orlandi, 1997, p. 55).

Quando não é o indígena que enuncia sobre si, mas o outro quem o faz, não está apenas silenciando-o, mas também impossibilitando que ele signifique de outras formas. Isso porque, “ao dizer, ele estará, necessariamente, não dizendo ‘outros’ sentidos. Isso produz um recorte necessário no sentido” (Orlandi, 1997, p. 55), pois há certos sentidos que são reprimidos, enquanto que outros são (re)produzidos e, “desse modo se proíbe ao sujeito ocupar certos ‘lugares’, ou melhor, proíbem-se certas ‘posições’ do sujeito” (Orlandi, 1997 p. 78).

O fragmento “se autoenxergaram como excluídos” da SD1, produz sentidos diferentes do que se fosse dito pelo próprio indígena. O outro afirmar que o indígena se vê como excluído não produz os mesmos sentidos do que ele próprio dizer que é excluído, do mesmo modo que significaria diferente dizer que o indígena é excluído. Dizer que o indígena é excluído seria assumir que exclui. Do modo como está posto, produz-se o sentido de que eles se auto enxergam assim, mas que não necessariamente o sejam, o que pode produzir o imaginário de vitimização sobre os indígenas.

Já na SD2, o fragmento “nessa perspectiva que o conhecimento vem. Para libertá-los” aponta para sentidos de um sujeito que não é livre, pois ainda precisa ser libertado. Lembrando que as condições de produção da SD estão relacionadas à criação de um curso de pós-graduação em educação intercultural indígena, o que então possibilita interpretar que o curso, na visão desse outro, tem por finalidade e/ou consequência libertar os indígenas. Nesse sentido, o curso apresenta-se como uma oportunidade de libertação, oportunidade que é dada, mais uma vez, pelo outro. O imaginário à que a SD2 pode remeter é de um sujeito que não é livre, que precisa ser libertado, mas, que, no entanto, só conseguirá com auxílio e intervenção do outro.

Isso posto, pode-se interpretar que o imaginário (re)produzido pelo jornal é de um sujeito que não é

capaz de falar por si e de si, portanto precisa do outro para dizê-lo. Por outro lado, também se produz sobre esse outro, que fala pelo indígena, um imaginário de “salvador”, de alguém que se coloca a serviço desse sujeito sem voz.

Ao analisarmos esse *corpus*, compreendemos que os modos de discursivizar do Jornal Diário do Iguçu contribui com a cristalização de imaginários estereotipados do sujeito indígena, como sujeito aldeado e preso a imagens do passado. Foi possível problematizar de que maneira essas discursividades influenciam na produção de imaginário sobre os indígenas e refletir sobre possíveis consequências para a formação de professores e para o ensino de Língua Portuguesa a esses sujeitos.

Compreendemos que os discursos do jornal sobre o sujeito indígena podem contribuir para a (re)produção de imaginários de um sujeito que se vitimiza, excluído da sociedade, estereotipado e que não tem voz. Além disso, o imaginário que se perpetua é de que os sujeitos indígenas não são livres para dizer, para se significar e para ocupar determinados espaços. Isso, por consequência, impossibilita sentidos e, até mesmo, evita que certos preconceitos sejam desconstruídos. A compreensão desses imaginários é importante para a região oeste de Santa Catarina, onde vivem povos Kaingang e Guarani, e para a UFFS que atende muitos alunos por meio do Programa de Acesso e Permanência dos Povos Indígenas (PIN).

Com as pesquisas do projeto guarda-chuva, compreendemos quem é esse sujeito inserido no espaço entre-línguas-culturas e como o contato entre grupos de identidades diversas, marcados por línguas e culturas diferentes, produzem marcas na constituição identitária deste sujeito e, por sua vez, consequências para o processo de ensino e de aprendizagem. A reflexão sobre o discurso dos alunos e dos professores a respeito da noção de língua(s) nos possibilitou abordar as narrativas dos sujeitos implicados no espaço pedagógico, considerando a subjetividade nelas presente. Já a análise documental e das políticas linguísticas nos permitiu compreender a construção de um imaginário sobre o entre-línguas. Também permitiu caminhos para estudar e (re)pensar a formação do professor de línguas no *locus* da pesquisa.

REFERÊNCIAS

- INDURSKY, F. O momento político brasileiro e sua discursivização em diferentes espaços midiáticos. *In*: FLORES, G. G. *et al. Análise de discurso em rede: cultura e mídia*. Campinas: Pontes Editores, 2017. v. 3.
- MARIANI, B. **O comunismo imaginário: práticas discursivas da imprensa sobre o PCB (1922-1989)**. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas, Campinas, 1996.
- MIGUEL, L. F. A disputa pela fala jornalística: empresas, profissionais e ativistas na querela das fake news. *In*: FLORES, G. G. *et al. Análise de discurso em rede: cultura e mídia*. Campinas: Pontes Editores, 2019. v. 4.
- ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio: No movimento dos sentidos**. 4. ed. Campinas: UNICAMP, 1997.